

A HISTORICIDADE DO DISCURSO LITERÁRIO

Hellana Maria Castro Simões

1 INTRODUÇÃO

Intentamos mostrar que a historicidade do discurso literário é específica, isto é, o discurso da literatura é autônomo em relação ao discurso da ciência histórica, mesmo quando o retoma de modo tematizado. Intentamos mostrar ainda que a historicidade do discurso literário se faz através de discursos literários anteriores, direta ou indiretamente. Devemos assinalar que tais aspectos estão interrelacionados. O nosso campo se delimita ao discurso literário-independente não apenas de acontecimentos, mas também do seu autor, como homem de uma época — na sua dimensão histórica. Histórico, para nós, não se confunde com o historiográfico, antes o engloba, pois historiográfico é o meramente cronológico. Enfocaremos a historicidade da literatura a partir da própria literatura. Em primeiro lugar, abordaremos a literatura no seu aspecto evolutivo, quando trataremos da periodização literária; em seguida, enfocaremos o tempo histórico; depois, mostraremos o papel da obra literária no decurso do tempo; e, finalmente, a questão da historicidade na obra **Invenção de Orfeu** de Jorge de Lima.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 EVOLUÇÃO LITERÁRIA E PERIODIZAÇÃO

A evolução literária não significa uma coleção de obras isoladas, ainda que a questão do grau de importância das obras tenha que ser considerada; a evolução literária se constitui numa totalidade, o que supõe uma interpenetração de discursos, evidentemente literários.¹

Levantar a evolução literária significa: estabelecer cortes sincrônicos, delimitando os sistemas; analisar a função dos elementos de cada sistema e, a partir daí, comparar os diversos sistemas entre si.² Portanto, do ponto de vista puramente cronológico, a literatura subsiste através da variabilidade constante. Mas devemos observar que elementos de sistemas distanciados no tempo podem apresentar função semelhante. Portanto, evolução literária não significa progresso na direção de um modelo ideal.³

Referimo-nos acima a cortes sincrônicos, os quais estabelecem os diferentes sistemas ou períodos literários, como já vimos. Resta-nos agora considerar o critério para estabelecer tais cortes. Não podemos aceitar aquele que se fundamenta no conceito de século, uma vez que o princípio e o final de um século não determinam necessariamente o início e o término de movimentos artísticos⁴. Rejeitamos também a utilização de critérios baseados em acontecimentos historiográficos para a fixação dos períodos, uma vez que o fato literário tem a sua essência. Também não concordamos com aquele que parte da idéia de um espírito do tempo, pois tal idéia pressupõe a integral homogeneidade de procedimentos estéticos.⁵ O critério para o estabelecimento de cortes na evolução literária deve partir da própria literatura, ou seja, a variabilidade da função estética da maioria dos elementos de um sistema deve constituir-se no princípio da periodização. Mas devemos assinalar que a mudança de um sistema ou período para outro não ocorre de modo regular e previsível, sendo o processo de desenvolvimento de um período lento e complexo — daí não poder ser rígida a delimitação dos sistemas.

Apesar de a evolução literária sempre ser colocada do tempo passado para o tempo presente, ela é levantada a partir de uma visão do presente.⁶

2.2 O TEMPO HISTÓRICO

O tempo é o puramente transitório, a unidade dialética de presente/passado, presente/futuro e passado/futuro. Preferimos à seqüência tradicional passado/presente/futuro as aparentes oposições

acima colocadas, já que o tempo é fundamentalmente presente, surgindo e ligando-se o passado e o futuro em relação ao que se apresenta. Isto é a História, entendida como processo que constitui a humanização do homem,⁷ a “entidade equilibrada na dialética de um tempo simultâneo”,⁸ a qual se distingue da ciência histórica, conjunto de acontecimentos dispostos numa seqüência cronológica e estritamente racional. Não podemos então confundir a história enquanto ciência, um modo de representação da realidade, com a História, que é o seu fundamento. Enquanto a historiografia se coloca ao nível da pura objetividade, a História proporciona uma visão dialética do objetivado e do não-objetivado ou incontornável.

Uma vez que os poetas, criadores de linguagem, estão inteiramente envolvidos pelo tempo dialético ou unitário ou com a plenitude da existência ou do real, os poetas escrevem a História, o que não quer dizer, de acordo com o que estamos a afirmar, que eles desprezam o factual, mas que o inscrevem numa dimensão mais aberta. Os poetas escrevem a história do homem, nos seus atos corriqueiros e incomuns.

O tempo histórico é a força que impulsiona a criação artística, da qual faz parte o discurso literário.⁹

2.3 A TRAJETÓRIA DA OBRA LITERÁRIA

Todo texto literário é histórico. Não podemos determinar então, por exemplo, ser o **Romanceiro da Inconfidência** de Cecília Meireles uma obra mais histórica do que outras, já que tematiza a Inconfidência Mineira, ou Castro Alves um poeta histórico em oposição a outros, uma vez que o problema da Abolição da Escravatura faz parte da sua temática. Mesmo o discurso lírico, que dá ênfase ao plano da existência individual, é caracterizado pela historicidade, pois expressa uma situação do homem no mundo.

Com isso, não estamos pretendendo diminuir o carácter documental do discurso literário. Ainda que não nos interesse situar o discurso numa data ou retirar dele o tempo em que foi produzido, o discurso literário não deixa de constituir-se em um documento, uma vez que parte de uma situação determinada no tempo e no espaço, mesmo que este tempo e este espaço estejam ambíguos no discurso. Mas a obra deixa de ser um simples documento na medida em que expressa a trajetória do homem no mundo, a qual não se deixa aprisionar por acontecimentos, por datas. E tal trajetória é expressa através de uma linguagem criadora, a linguagem literária.

Haveria assuntos modernos para o discurso literário, a depender da época em que foi produzido? Sendo a base do discurso literário a

existência humana, quaisquer que sejam as suas circunstâncias — e nelas localizaríamos formalmente o nível temático do discurso — o conceito de modernidade assume uma feição específica, pois se confunde com o conceito de antiguidade. A modernidade do discurso literário é o que nele se apresenta, e o que nele se apresenta existe à custa do que ocorreu.

O moderno dispõe da experiência do antigo e pode totalizá-la.¹⁰ Diante dessa interrelação entre a modernidade e a antiguidade, não podemos aceitar como critério crítico o fato de o poeta ou escritor ter alcançado o objetivo da sua época, através da obra. Geralmente este objetivo é determinado através de critérios extra-literários.

Passemos a analisar especificamente a historicidade do discurso literário do ponto de vista da literatura como um acervo. Naturalmente a palavra acervo assume aqui um sentido dinâmico por causa da natureza do processo evolutivo, a qual foi anteriormente analisada. A criação literária não parte do nada, apesar da ruptura que ocorre na evolução da literatura para a formação de uma nova ordem literária. Isto nos leva a afirmar que a historicidade supõe cortes e não uma continuidade absoluta — cada período é a condição de possibilidade do período posterior. Além disso, existem discursos literários que retomam diretamente discursos literários anteriores, estejam esses mais ou menos próximos no tempo, do ponto de vista cronológico. Esta situação nos faz pensar antes em circularidade do que em linearidade. A literatura moderna ou contemporânea não substitui a literatura que a precede. A literatura moderna é uma realização atual do processo de criação literária.

Esta questão nos conduz ao problema da originalidade da obra literária. Não existe uma obra que seja inteiramente original — toda obra é uma recriação. Ocorre que o grau de retomada de obras anteriores pode ser maior ou mais claro em algumas obras do que em outras, sem que tal característica, isolada, diminua ou aumente o valor dessas obras.

Em primeira instância, o que constitui a estrutura da obra literária é a sua criação e a sua leitura. Se o significado da obra pode modificar-se e naturalmente enriquecer-se com a passagem do tempo, devido à natureza do discurso, a estrutura da obra literária não é estática. A obra torna possível a cada época um projeto de leitura.¹¹ Isto nos leva à historicidade da crítica literária, assunto que, por uma questão metodológica não pode ser aqui abordado.

Podemos analisar a problemática dos gêneros literários — o lírico, o épico e o dramático — dentro da questão do presente trabalho. A essência de cada gênero manteve-se através do tempo apesar da variabilidade constante que caracteriza a literatura. O gênero pode ser

o ponto de ligação fundamental entre obras distanciadas no tempo.

A trajetória da obra literária pressupõe o conflito entre a documentalidade e a eternidade do seu discurso.

2.4 A HISTORICIDADE DE INVENÇÃO DE ORFEU

A historicidade de *Invenção de Orfeu* de Jorge de Lima será colocada em relação ao discurso historiográfico, com o qual esta obra mantém uma relação menos ambígua do que outras; e em relação à literatura anterior, que ela retoma também de modo tematizado, a partir do título da obra, uma vez que Orfeu é o poeta-primeiro.

É importante assinalar que esses dois aspectos da historicidade não estão separados. Através do discurso que é *Invenção de Orfeu* um novo mundo é criado, “Contemos uma história.” (I canto), e somente um poeta, Orfeu, poderia arcar com tal tarefa.

Tratemos inicialmente do relacionamento entre o discurso literário e o discurso historiográfico. Jorge de Lima diz, por exemplo: “domingos de pascoelas.” (I canto); “reinventamos o mar com seus colombos,” (I canto); “que possui ‘cabos-não’ a ser dobrados” (I canto); “e sem carta a El-Rei contando a viagem.” (I canto).

Não se trata da trajetória que o discurso historiográfico faz supor: “Mesmo sem naus e sem rumos,/mesmo sem vagas e areias,/há sempre um copo de mar/para um homem navegar.” (I canto); “Não esqueçais, escribas, ir contando/nas cartas o que está aparente, ao lado/das invenções em seu fictício arranjo.” (I canto).

O tempo não é o meramente cronológico: “vai lembrado de seus dias,/dias que são as histórias,/histórias que são porfias/de passados e futuros,” (I canto); “só a janela aberta/e o espaço dentro dela/que o tempo atravessou.” (III canto); “Caduco calendário mais que nulo” (VIII canto).

Jorge de Lima retoma a literatura de Camões — “Estavas, linda Inês, nunca em so:sego” (IX canto), a literatura de Dante — “Dante, falo por ti, por mim, por quem?” (IV canto), Casimiro de Abreu — “Casimiro aos oito anos,” (II canto), entre outras — “Esse o imensíssimo poema/Onde os outros se entrelaçaram,” (I canto).

3 CONCLUSÃO

O discurso literário pode relacionar-se com o discurso da ciência histórica, assim como pode relacionar-se com o discurso de qualquer outra ciência. E isto não determina propriamente a historicidade do discurso literário. Todas as obras literárias têm caráter

histórico porque têm relação direta com o ser humano e portanto expressam uma situação humana (seja individual-lírica, coletiva-épica, simultaneamente individual e coletiva-dramática). O histórico ultrapassa o dado cronológico ou historiográfico, englobando-o. Mas isto não nos leva a rejeitar o caráter documental do discurso literário, uma vez que o discurso leva inevitavelmente a marca de um determinado tempo, mesmo que a ele não se reduza. A obra literária faz parte de um período, mas pertence a todas as épocas.

1 GENETTE, *Figuras* p. 160.

2 *Ibid.*, p. 162.

3 WELLEK & WARREN, *Teoria da literatura*, p. 326.

4 AGUIAR e SILVA, *Teoria da literatura*, p. 349.

5 WELLEK & WARREN, *op. cit.*, p. 354.

6 KOTHE, *Tempo Brasileiro*. O pensamento, a história, p. 35.

7 PORTELLA, *Teoria da comunicação literária*, p. 110.

8 *Ibid.*, p. 22.

9 *Ibid.*, p. 22.

10 DAIX, *Crítica nova e arte moderna*, p. 11.

11 KOTHE, *op. cit.*, p. 37.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. A periodização literária. In: _____. *Teoria da literatura*. 3. ed. rev. aum. Coimbra, Almedina, 1973. p. 347-57.

BENJAMIN, Walter. A modernidade [Die Moderne] In: _____ *A modernidade e os modernos*. Trad. H.K.M. da Silva; A. de Brito; T. Jatobá. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. p. 7-36 (Biblioteca tempo universitário, 41).

DAIX, Pierre. O crivo de Rimbaud. In: _____. *Crítica nova e arte moderna; ensaio / Nouvelle critique et art moderne; essai / Trad. H. de Garcia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. p. 9-15. (Perspectivas do homem, 78, série Ensaios).

_____. A nerança. In: _____. *Crítica nova e arte moderna; ensaio [Nouvelle critique et art moderne; essai] Trad. H. de Garcia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971. p. 57-67 (Perspectivas do homem, 78, série Ensaios).

ELIOT, T.S. Tradition and the individual talent. In: _____. *Selected essays*. 3. ed. aum. London, Faber and Faber, 1969. p. 13-22.

GENETTE, Gérard. Estruturalismo e crítica literária. In: _____. *Figuras [Figures] Trad. I.F. Mantoanelli. Rev. A.K Miyashiro, M.A.L. de Barros*. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 143-65 (Debates, 57).

GROSSMANN, Judith. *Obra estruturada: modelo e antimodelo na literatura contemporânea*. Salvador, UFBA, Instituto de Letras, 1973. 130p. mimeogr.

(Tese apresentada para concurso ao cargo de Professor Titular).

- HEIDEGGER, Martin. Science et méditation. In: _____. *Essais et conférences*. [Vorträge und Aufsätze] Trad. A. Préau. Préf. J. Beaufret. Paris, Gallimard, 1958. p. 49-79.
- _____. Tempo e ser. In: _____. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. e notas, E. Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1973. p. 455-69 (Os pensadores, 45).
- KOTHE, Flávio R. Historiografia, historicidade literária. *Tempo brasileiro; o pensamento, a história* Rio de Janeiro (47): 34-41. out.-dez. 1976.
- LIMA, Jorge de. Invenção de Orfeu. In: _____. *Obra completa*. Org. A. Coutinho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1958. p. 627-912 (Biblioteca luso-brasileira, 1).
- PORTELLA, Eduardo. A literatura no tempo planetário. In: _____. *Teoria da comunicação literária*. 2 ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973. p. 107-22 (Biblioteca tempo universitário, 25).
- _____. O processo de construção do fenômeno literário. In: _____. *Teoria da comunicação literária*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973. p. 19-40 (Biblioteca tempo universitário, 25).
- TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B. et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*. Trad. A.M. Ribeiro; M.A. Pereira; R.L. Zilberman; A.C. Hohlfeldt, Rev. R. P. da Silva. Org. e apres. D. de O. Toledo. Pref. B. Schnaiderman. Porto Alegre, Globo, 1971. p. 169-204.
- TYNIA NOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*. Trad. A.M. Ribeiro; M.A. Pereira; R.L. Zilberman; A.C. Hohlfeldt, Rev. R.P. da Silva. Org. e apres. D. de O. Toledo. Pref. B. Schnaiderman. Porto Alegre, Globo, 1971. p. 105-18.
- WELLEK, René & WARREN, Austin. História literária. In: _____. *Teoria da literatura* [Theory of literature] Trad. J. P. e Carmo. Lisboa, Europa-América, 1962. p. 319-40 (Biblioteca universitária).
- _____. Teoria literária, criticismo literário e história literária. In: _____. *Teoria da literatura* [Theory of literature] Trad. J.P. e Carmo. Lisboa, Europa-América, 1962. p. 47-55 (Biblioteca universitária).

RESUMO

O estudo sobre a historicidade do discurso literário envolve a questão da evolução literária e a questão do tempo histórico. Na abordagem da evolução literária temos o estudo sincrônico (análise de cada sistema ou período literário independente da série temporal) e o estudo diacrônico (análise dos sistemas literários seguindo a ordem do tempo). O tempo histórico é a unidade dialética entre o presente, o passado e o futuro. A historicidade do discurso literário implica a tensão entre o seu caráter documental, pois toda obra literária está ligada a uma época, e o seu caráter transcendental, uma vez que a obra literária pertence a todas as épocas. O discurso literário não deve ser confundido com o discurso da ciência histórica.

SUMMARY

The study of the historical character of literary discourse involves the question of literary evolution and the question of historical time. In approaching literary evolution one finds the synchronic study (the analysis of each literary system or period independent of time sequence) and the diachronic study (the analysis of literary systems following the time sequence). Historical time is the dialectic unit of present, past and future. The historical character of literary discourse implies the simultaneity between its documentary character, for any literary work is bound to a certain period of time, and its transcendental character, for any literary work applies to any period of time. Literary discourse should not be confused with the language used in History.